

UMA REFLEXÃO SOBRE O INSTINTO: A LEITURA MERLEAU-PONTYANA DE LORENZ

Ronaldo Manzi Filho¹

RESUMO:

O presente texto tem por objetivo destacar como, no fundo, Merleau-Ponty vê, nos estudos de Lorenz sobre o *instinto* animal, algo muito próximo da teoria freudiana sobre a libido, mesmo não citando o psicanalista nessa ocasião. Segundo o filósofo, seguindo a leitura de Lorenz, o instinto é uma atividade primordial sem um objeto específico, muito semelhante à insistência de Freud em descrever tanto a *plasticidade* da libido quanto o comportamento perverso da criança que pontua os múltiplos desvios da libido em relação ao objeto sexual e ao seu fim. Na verdade, essa tese vai de encontro com a teoria do psicanalista: diferentemente do instinto, a libido, como em muitos lugares Freud insiste, não tem um objeto específico de satisfação. Com Lorenz, *tudo se passa como se* a originalidade da libido descrita por Freud pudesse ser *estendida* ao instinto animal em geral, tal como *a indeterminação da libido, a contingência do objeto e sua variabilidade de alvos*. Meu objetivo será mostrar quais as consequências de Merleau-Ponty fazer tal aproximação no interior de sua obra. Afinal, para onde aponta essa convergência?

Palavras-chave: Merleau-Ponty. Lorenz. Instinto.

ABSTRACT:

This paper has the role to detach how Merleau-Ponty sees, in Lorenz's studies of the animal *instinct*, something very close of Freudian theory of libido, even without quoting the psychoanalyst in this opportunity. According to the philosophe, following the lecture of Lorenz, the instinct is a primordial activity without a specific object, very similar to Freud's insistence in describes the *plasticity* of the libido as the perverse behavior of the child that points the multiplicity detours of the libido in relation to the sexual object and its aim. In fact, this thesis run counter to Freud's theory: unlikely the instinct, the libido, as in many places Freud insist, has no specific object of satisfaction. With Lorenz, everything *is as* the originality of the libido describes by Freud can be *extended* to the animal instinct on general, as *the libido indetermination, the contingence of the object and its variability of aim*. My aim will be to show what consequences we have when Merleau-Ponty makes this approximation in his work. After all, to where this convergence points out?

Key words: Merleau-Ponty. Lorenz. Instinct.

Num estudo clássico sobre o comportamento dos chimpanzés, Wolfgang Köhler apresentava à comunidade científica como é possível afirmar certo *poder* do animal em se adaptar a estruturas significativas, reagindo com certa ordem aos signos sugeridos na relação

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq.

com o meio (*Sign-Gestalt*)². Mas as observações de Köhler (1959, pp. 241-293) nos deixam também claro que os chimpanzés agem de um ponto de vista diferente do humano. Isto é, mesmo que o objeto tenha um valor “funcional” na ação, segundo a efetividade do seu campo de ação, *não há, como na criança, um poder de situar-se no possível, ou num outro ponto de vista*. Baseado nesse estudo, Merleau-Ponty atribuía, em *La structure du comportement*, que a diferença entre os animais e os homens se daria na capacidade humana de transcender a situação atual, *projetar-se ao não acontecido, ao ausente, a uma outra realidade possível, possibilitando-o transcender temporalmente*³. É a partir dessa capacidade que, segundo Merleau-Ponty, no homem, se instaura um comportamento simbólico (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 128).

Entretanto, parece que o filósofo retifica essa questão ao ler os trabalhos de Konrad Lorenz. Se antes, a partir de Köhler, podíamos dizer que os animais não agiam numa *relação com algo ausente*, com Lorenz, há “um modo de referência ao inatural, à vida onírica, [que] se manifesta na atividade instintiva em estado puro” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 251). Lembremos que essa vida onírica era descrita pelo filósofo, poucos anos antes, no curso sobre a instituição e a passividade. Líamos ali como Merleau-Ponty creditava a Freud ter desenvolvido um simbolismo positivo primordial que era aquele descrito na vida onírica – em que qualquer coisa pode significar outra coisa (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 200). Ou seja, haveria uma lógica própria no simbolismo onírico: uma linguagem com sua própria gramática, tal como o deslocamento e a condensação, que nos remete a várias interpretações. Com Lorenz, Merleau-Ponty parece encontrar algo semelhante a esse simbolismo no comportamento animal. O que significa esse remanejamento do problema?

Para respondermos isso, observemos que Merleau-Ponty apresenta sua leitura do trabalho de Lorenz somente no curso *Le concept de Nature – l’animalité, le corps humain, passage à la culture*, portanto, quinze anos depois de sua tese de 1942. A primeira coisa que podemos observar nesse curso é como, seguindo a concepção da biologia contemporânea, a atividade instintiva poderia ser pensada enquanto uma *atividade simbólica*. Merleau-Ponty se baseia principalmente em passagens como esta de Lorenz: “se eliminarmos totalmente na experiência a opressão da finalidade, nós percebemos que, na maioria dos animais, os mesmos movimentos são executados sob a forma de reação ao vazio numa frequência quase igual

² Köhler nos mostram como os chimpanzés são capazes de um certo tipo de imitação (KÖHLER, 1959, pp. 165-200), mas também como certas aves reagem a algumas configurações (KÖHLER, 1947, pp. 85-89), ou que elas estão sujeitas às figuras de Jastrow (KOFFKA, 1955, p. 90).

³ Era exatamente isto que Goldstein (1939, p. 392) protestava dos gestaltistas ao isomorfismo: como seria assim possível o atributo especificamente humano: *the attitude towards the Possible...*

àquela obtida sob a pressão da finalidade que se espera” (LORENZ, 1970, p. 50). São exatamente estes *atos ao vazio ou esboçado* que irão se tornar, para os animais, meios de comunicação entre eles (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 254). Aliás, uma atividade abstrata que se assemelham aos próprios atos da linguagem, como o filósofo observa nessa passagem:

essas ações, ao invés de serem efetuadas seriamente, são então executadas à título de substituir a ação efetiva, porque uma parte de inaturalidade é colocada no instinto. O ‘fazer instintivamente’ vai se transformar em ‘fazer de conta’. O ato esboçado torna-se facilmente significação. No pato, a conduta de alçar voo, de se agachar, em seguida de projetar a cabeça para o alto, depressa se converte num sinal para adestrar os filhotes. No peixe, o movimento lateral da cabeça é sinal de pôr-se em movimento; bruscamente detido, torna-se, numa espécie, um pedido de ajuda (dos filhotes sob o ventre da mãe) (MERLEAU-PONTY, 1995, pp. 254-255).

Isso indica de modo único como poderíamos fazer uma relação inesperada do que vimos nos primeiros trabalhos de Merleau-Ponty, pois vemos uma relação muito próxima entre o instinto animal e o simbolismo (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 255).

Um exemplo que Lorenz nos traz para mostrar essa relação é o exibicionismo animal. Por um lado, é certo que esse exibicionismo é uma condição indispensável para a copulação. Entretanto, o biólogo destaca como esse ato não se resume a uma simples preparação para a copulação, pois ela *instaura um modo de presença* que pode se aproximar dos fenômenos da linguagem humana – esse comportamento expressa um sentido ao outro da sua espécie. Isso conduz o filósofo a questionar: “(...) não se poderia compreender que a conduta sexual comporta mais aspectos, que ela seja outra coisa que a simples copulação, mas uma mostração, uma cerimônia que os animais realizam uns aos outros?” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 256).

A plasticidade do instinto

A primeira coisa que devemos notar é como Merleau-Ponty desvencilha o simbolismo da linguagem falada e a instaura na corporeidade, como esse caso dos comportamentos voltados ao vazio ou esboçado que irão se tornar, para os animais, meios de comunicação. Na verdade, os estudos de Adolf Portmann sobre a aparência dos animais⁴ realizado nesse mesmo curso o levava à mesma conclusão: o fato de a aparência dos animais ser uma expressão de formas pode nos levar a pensar que há uma espécie de *comunicação* a partir do que um animal

⁴ *Die Tiergestalt – Studien über die Bedeutung der tiersichen Erscheinung*. Utilizei a mesma versão que Merleau-Ponty – a tradução americana *Animal forms and patterns – a study of the appearance of animals*.

mostra a outro. Como se a aparência dos animais, seus ornamentos, fosse um *órgão* de comunicação aos olhos de outro de sua espécie – literalmente, órgãos visuais⁵, como, por exemplo, a plumagem dos animais⁶. Segundo Portmann, elas são formadas com um objetivo específico: “(...) com vistas à visibilidade” (PORTMANN, 1967, p. 22)⁷. Ou seja, temos diante de nós uma estrutura em que, em seu desenvolvimento, está em correlação a um plano tal como a qualquer órgão vital do animal – estamos diante de um “órgão para ser visto”, um esquema óptico, pois suas estruturas são órgãos (PORTMANN, 1967, p. 122)⁸.

Assim como podemos pensar a aparência dos animais como uma linguagem⁹, o mesmo Merleau-Ponty encontra no instinto animal descrito por Lorenz. Entretanto, este último estaria apontando para algo além dessa linguagem, pois o ato do exibicionismo tende a ser compreendido também como *perverso*. Quer dizer, haveria nos animais um *desvio* da sexualidade definida como normal (a copulação). Podemos ver essa aproximação se tomarmos como Lorenz compreende o exibicionismo sexual como não tendo simplesmente uma função fisiológica-biológica, uma vez que o animal se mostra e se exhibe ao outro. Assim, Lorenz age como se afirmasse uma plasticidade do instinto que não se reduz à copulação.

De fato, Lorenz parece sugerir essa plasticidade no instinto animal (LORENZ, 1970, p. 15) ao dizer que, diferentemente da percepção, que foca uma finalidade, “é preciso distinguir elementos perceptivos e elementos instintivos, estes últimos sendo *objeklos*” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 250). Ora, essa possibilidade de se pensar o instinto sem um objeto definido nos leva a pensar numa certa *plasticidade* do instinto, um fenômeno que parecia ser exclusivo do comportamento humano. Segundo o biólogo, o instinto não visa necessariamente uma finalidade, pois ele pode permanecer inacabado (LORENZ, 1970, p. 17) e seria, a seu ver, inexato supor que no animal, os instintos seriam análogos aos descritos nos

⁵ Mesmo as cores de alguns animais são um órgão – um órgão visual (PORTMANN, 1967, p. 120). Ora “os padrões formados opticamente ocorrem somente em partes visíveis; aquelas escondidas são construídas de tal modo para serem opticamente indiferentes” (PORTMANN, 1967, p. 122).

⁶ “Temos que perceber que não somente o olho, o coração e o cérebro surgem por um plano ordenado do processo de desenvolvimento, mas também o modo em que a aparência exterior é formada, as formas ornamentais e o design como um todo. (...) [Por isso, temos] que aceitar o ponto de vista de que o plano dos eventos de desenvolvimento estão diretamente relacionados com a aparência do animal assim como em relação ao sistema nervoso ou aos órgãos circulatórios” (PORTMANN, 1967, p. 142).

⁷ Noutra obra, *Tarnung im Tierreich*, Portmann confirma sua posição: “formas vivas nos mostram como somos feitos para o olhar vivo, assim como a comida parece ser feita para os órgãos digestivos” (PORTMANN, 1959, p. 9).

⁸ O zoólogo diz que, ao estudar as aparências dos animais, “em todos esses casos estamos diante de estruturas ópticas, órgãos para serem vistos, a aparência total que tem um sentido somente quando é apreciado como sendo relacionado diretamente a um olho observador, sendo este um membro da mesma espécie ou de um inimigo” (PORTMANN, 1967, pp. 111-112). Para maiores detalhes, ver Manzi (inédito).

⁹ “Toda a aparência exterior [<na margem> o mistério não está nos olhos mas diante] [retoma] um sentido sob a condição que se saiba ler como linguagem, i.e. restabelecer o interlocutor” (MERLEAU-PONTY, 1957-1958, p. 107).

instinto humanos de apetência (LORENZ, 1970, p. 51)¹⁰. Na verdade, Lorenz diferencia o instinto de qualquer atividade orientada a um fim, que ele denomina *taxia* (LORENZ, 1970, p. 24) – o instinto seria algo abaixo desse comportamento.

Mas dizer que ele não tem um objeto específico não significa que ele não dependa de um *a priori* do próprio organismo. Isto significa afirmar que o instinto é instaurado por “dentro”, “(...) como se o objeto interviesse como ponto de apoio de um tema que está no animal, como se ele fornecesse ao animal o fragmento de uma melodia que o animal porta nele mesmo, ou que viria despertar um *a priori*, provocando uma reminiscência” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 250). Os objetos seriam assim um meio para evocar um complexo interno. Noutros termos, o objeto é um “desencadeador”: aquilo que desperta um *a priori*.

Com isso, fica mais claro aquilo que Merleau-Ponty sempre insistiu sobre o que é o normal para o organismo – quer seja, que o organismo traz suas próprias normas ao se relacionar com o mundo. Algo que, na escolha objetal, não deixa dúvida: o animal, ao se fixar a certos objetos, estaria realizando um tipo de conduta que demonstra como é a partir de suas próprias normas que ele se relaciona com o mundo, pois “esses objetos não são escolhidos pela Natureza: há uma margem no interior da qual a escolha é livre” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253). Aliás, o objeto nem precisa ser determinado, porque ele age como um estímulo-desencadeador com várias características. Ou seja, se no objeto não houver uma característica que poderia desencadear o *a priori* do animal, a *exacerbação* de outra ou a *sobredeterminação* ou a *condensação* de vários elementos num determinado aspecto visível permite compensar aquela ausência. “Tudo se passa como se (...) através do estímulo normal, o animal visasse outra coisa além da norma” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 252), ou seja, além daquilo que é efetivamente percebido.

Lorenz chega mesmo a dizer em tipos de escolhas por ciclo de atividades – como se em cada atividade o animal tivesse uma espécie de escolha selecionada. Por exemplo:

é assim que a gralha possui três ciclos de atividade e, portanto, três tipos de camaradas. A gralha descrita por Lorenz, ao Ives de ir passear no despertar com as outras galhas, como é hábito na espécie, foi passear com um corvo. Como ‘camarada-filho’ ela tinha uma pequena gralha, mas como ‘camarada-parente’ e como ‘camarada-

¹⁰ “São essas imperfeições e esses absurdos que atraem mais frequentemente nossa atenção sobre o caráter instintivo de um ato. É difícil de convencer melhor o não-especialista da ausência de toda representação de uma finalidade no animal realizando um ato instintivo, senão lhe mostrando os atos que permanecem inacabados” (LORENZ, 1970, p. 17).

sexual', ele tinha o homem, no caso, o próprio Lorenz (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253)¹¹.

O filósofo relata inclusive como o animal estaria, no fundo, buscando uma *descarga* de tensão a partir da *eleição* de um objeto qualquer: “na medida em que o instinto é uma tensão que quer encontrar um escape sem saber por que, ele visa menos o real que o irreal” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253). Merleau-Ponty diz, assim, que o animal visa um objeto qualquer para se satisfazer, chegando até a agir na ambiguidade *de querer e não o querer uma coisa ao mesmo tempo* (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253). Isto é, se o instinto não se dirige a nenhum objeto específico, mas, ao mesmo tempo, ele pode sobredeterminar alguns elementos parciais dos objetos, então, mesmo que o objeto desencadeie o instinto, ele não é exatamente o objeto que o instinto tinha em vista.

Como estas considerações são próximas da psicanálise

Percebamos como essa descrição do instinto é próxima das considerações psicanalíticas: as descrições de Lorenz apontam para um fenômeno paradoxal, típico do comportamento humano, em que um objeto pode *ocupar* o lugar de satisfação num ato que visa puramente *um prazer*. Ora, se o instinto é uma atividade instaurada que não conhece seu objeto (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 250), é porque há comportamentos animais que não visam um fim, mas, simplesmente, um prazer (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 252). Lorenz descreve, por exemplo, um pássaro que imita estar caçando uma mosca quando, na verdade, não há nenhuma mosca por perto. O biólogo diz, sem esconder seu espanto:

todo seu comportamento imita de um modo tão perfeito o desdobramento dos atos destinados a preencher o papel biológico da caça ao inseto, toda sua atitude era tão convincente que muitas vezes eu subi numa cadeira para examinar se não havia realmente algum pequeno inseto que eu ainda não tivesse visto. Não havia nenhum (LORENZ, 1970, p. 28).

É por isso que Merleau-Ponty fala também de um *fetichismo* do instinto enquanto um fenômeno de compulsão – o prazer de repetir esse fenômeno sem que haja uma finalidade

¹¹ Uexküll narra esse fato de Lorenz: “a gralha *Tschock* teve, quando jovem, como companheiro maternal o próprio Lorenz. Seguiu-o por toda a parte, gralhava para que lhe desse a comida no bico. Quando já aprendera a buscar por si os alimentos, escolheu como companheiro preferido a criada dos quartos, diante de quem executava os seus característicos bailados-de-amor. Mais tarde adaptou como companheiro uma gralha muito jovem a que ela própria dava de comer. Quando *Tschock* se preparava para mais largos vôos tentou levar o próprio Lorenz a voar em sua companhia à maneira das gralhas, quando arrancava para o vôo mesmo por trás das costas dele. como isto não desse resultado, juntou-se com as gralhas que voavam, as quais passaram a ser os seus companheiros de vôo” (UEXKÜLL, 1982, pp. 110-111).

senão o prazer¹². Ora, esse tipo de comportamento leva o filósofo a afirmar que, o que desencadeia os estímulos normalmente *não é o próprio objeto*, mas um certo *onirismo do instinto*. Ou seja, sua conduta alucinatória, “(...) capaz de fazer um mundo e de se agarrar a não importa qual objeto do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253), revela sua capacidade de deslocar os objetos, de sobredeterminar alguns dos seus aspectos, assim como de uma coisa significar outra. Que se veja essa passagem do filósofo:

preparação onírica ou narcísica de ‘objetos’ exteriores, não se admira que o instinto seja capaz de substituições, deslocamentos, atividades ao ‘vazio’, ‘ritualização’, que não se superpõe somente aos atos biológicos fundamentais, como por exemplo a copulação, mas desloca-os, transfigura-os, submete-os à condição de *display*, e revelam a aparição de um ser que *vê* e se *mostra*, e um simbolismo cuja a ‘filologia comparada’ (Lorenz) está fazendo (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 135).

Podemos assim pensar que, mais do que uma simples rearticulação do problema entre o comportamento humano e animal, a tese de Lorenz indica uma aproximação, que não podemos deixar de notar, entre o instinto animal e a libido, tal como descreve a psicanálise. Podemos ver isso de modo claro quando Lorenz destaca como a atividade instintiva não tem um objeto específico de satisfação. Merleau-Ponty chega mesmo a dizer que o instinto busca *um reencontro com o objeto*:

o movimento instintivo não é convocado por seu objetivo, mas pela tensão que busca cegamente sua resolução e acha no reencontro do objeto. Por conseguinte, é como se o objeto não interviesse senão como apoio de um tema prestes a ser interpretado, como fragmento de melodia em relação à melodia (MERLEAU-PONTY, 1958-1959, p. 114).

Na verdade, essa tese vai de encontro com a teoria freudiana. O que diferenciaria o instinto animal da libido seria exatamente essa relação com um objeto. A libido, como em muitos lugares Freud insiste, não tem um objeto específico de satisfação – ela se *apóia* em qualquer função corporal para se satisfazer parcialmente. Com Lorenz, tudo se passa como se a originalidade da libido descrita por Freud pudesse ser estendida ao instinto animal em geral, tal como *a indeterminação da libido, a contingência do objeto e sua variabilidade de alvos*.

¹² Um exemplo parecido encontramos no comportamento de um camaleão descrito em *Le Mimétisme animal* (1946) de Robert Hardouin. Trata-se de uma passagem sobre a *Homochomie changeante* em que Hardouin observa como, segundo Francis De Miomandre, o camaleão muda de cor por puro prazer. Eis a passagem: “eu disse que, em seu estado habitual, ele era verde, de um belo verde precioso de mineral. Quando nada lhe perturbava, quando, absolutamente sossegado, ele se deixava ao simples prazer de viver, seja depois de um bom almoço, seja quando ele se prepara para dormir na palma de nossa mão, então vemos um espetáculo verdadeiramente maravilhoso: ele mudava de cor por nada, por prazer. Via-se passar sobre roda a superfície de seus flancos, como reflexos leves vindos de não sei qual adulação desconhecida, tonalidades absolutamente indescritíveis... (...) [esse sistema de coloração] (...) não obedecia senão a fantasia, e nesse momento ele era muito mais rico, muito mais variado” (MIOMANDRE in HARDOUIN, 1946, pp. 65-66).

Contudo, Lorenz é o primeiro a se distanciar do trabalho de Freud. É certo que ele prefere continuar com o termo instinto para não ser confundido com a pulsão descrita pela psicanálise que, a seu ver, utiliza o termo sem exatidão (LORENZ, 1970, p. 10). Entretanto, mesmo que Lorenz seja enfático ao afirmar que sua noção de *ato instintivo* seja diferente da pulsão, tal como Freud a expressa (LORENZ, 1970, p. 10), não podemos deixar de ver uma proximidade. Na verdade, Lorenz diz que preferiria usar a expressão *ato específico de pulsão* (*arteigene Triebhandlung*) ao invés de *ato instintivo* (*Instinkthandlung*).

Embora ele faça tal distinção parece-me que, no fundo, Merleau-Ponty vê, nos estudos de Lorenz, uma descrição do *instinto* muito próximo da apresentada por Freud sobre a libido. Isto porque, mesmo não citando o psicanalista nessa ocasião, Merleau-Ponty não deixa de usar termos da clínica freudiana ao analisar essa obra de Lorenz. Ele diz de um *narcisismo do instinto* (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253), de um modo de *fetichismo* (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 252) ou de um fascínio do animal diante de certos estímulos, como o pintarroxo que entra em transe diante de um objeto vermelho diante dele, que parece “perder a cabeça”. Merleau-Ponty também diz de um *drama vital* (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253) do animal, termo caro na sua tese de 1945 (*Phénoménologie de la Perception*), assim como para Georges Politzer; além de se referir a um *onirismo* (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253) na conduta instintiva. Desse modo, fica claro que o filósofo concilia *uma mesma gramática* para descrever o comportamento instintivo do animal e o comportamento sexual do homem. Por que conciliar essa gramática? Seria um modo de dizer que entre o homem e os demais animais não haveria uma separação muito nítida?

Parece-me que, no fundo, com esse tipo de afirmação, Merleau-Ponty nega uma forma de hierarquia entre o animal e o homem, mas *modos distintos de ser corpo*. Tudo se passa como se não houvesse uma hierarquia entre ambos, mas uma *relação lateral* ou um ultrapassar que não abole seu parentesco (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 335). Relação lateral que nos leva a pensar num entrelaçamento do homem com os animais – esses seres que parecem uma “estranha antecipação ou caricatura do homem segundo o animal” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 277). Aliás, ele observa: outro homem seria menos estrangeiro que o animal? (MERLEAU-PONTY, 1959-1960, p. 7).

O que vemos surgir assim é que a barreira entre o animal e humano parece se dissolver com os próprios conceitos do filósofo. Se antes Merleau-Ponty dizia que a diferença entre o homem e os animais era o poder de se colocar no possível, isso não opera mais; se antes falava de um drama humano, de uma narrativa pessoal, agora ele diz de um *drama vital*,

querendo com isso afirmar que o ser é, ao mesmo tempo, *visão e paixão* – que traz *ao mesmo tempo* uma lei interna de sua conduta e se relaciona com o mundo exterior (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253).

Um exemplo – o narcisismo do instinto

Talvez o exemplo mais notável dessa dissolução entre o humano e a animalidade apareça com o que Merleau-Ponty denomina *narcisismo do instinto*. Ora, por que dizer de *narcisismo*? Em primeiro lugar, é certo que Merleau-Ponty se utiliza de termos da clínica. Contudo, o modo como ele compreende esses conceitos é peculiar. Desde seus primeiros trabalhos há um diálogo constante com a psicanálise e, ao mesmo tempo, uma tentativa de “incorporar”, a seu modo, os conceitos clínicos para o interior de sua filosofia. Não é diferente com o conceito de narcisismo. Merleau-Ponty utiliza esse conceito em vários momentos e nem sempre com o mesmo sentido¹³. Entretanto, de um modo geral, quando Merleau-Ponty diz narcisismo, ele quer com isto frisar uma certa relação especular, em que algo de um corpo está noutro. Por exemplo: quando olho minha imagem no espelho, há algo meu no espelho, assim como há algo meu no outro quando sou visto. Então, por que afirmar um narcisismo do instinto?

Merleau-Ponty age como se o instinto animal descrito por Lorenz no mostrasse que o animal vê algo de si no outro ao mesmo tempo em que o vê como um inimigo. Isso explicaria em parte porque na cerimônia do acasalamento o animal ao mesmo tempo é agressivo e amoroso diante de sua parceira (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 253) – como se ele buscasse a si no outro. Mas uma busca que tem semelhanças com as relações intersubjetivas como ele mesmo afirma nessa passagem: “nos animais, é preciso admitir alguma coisa como a situação humana (alienação na imago: eu sou outro, o outro é, implica um eu)” (MERLEAU-PONTY, 1957-1958, p. 116). Em margem acrescenta: “o instinto busca sua identidade numa imago, num outro visível” (MERLEAU-PONTY, 1957-1958, p. 116). Isso leva o filósofo a igualar o drama da visibilidade, ou seja, o fato de sermos seres vistos e que veem, também na animalidade. Em suas palavras: “o drama humano (moral, psicológico) seria a retomada de um drama vital, animal, que começa com a visão” (MERLEAU-PONTY, 1957-1958, p. 116).

¹³ Fala de um “narcisismo do sonho” (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 209), de um “narcisismo do corpo” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 287), de um “narcisismo da visão” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 181), um “narcisismo do se tocar” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 287) ou ainda, que a “carne do visível” é narcísica, erotizada (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 156).

De certo modo, o que Merleau-Ponty parece apontar é que, tanto na animalidade quanto no homem, tanto no instinto quanto na libido, toda questão recai sobre o problema da visibilidade. Não haveria assim uma separação muito nítida entre ambos, mas um emaranhado de ambos na trama do mundo:

a vida animal reenvia a nossa sensibilidade e a nossa vida carnal. (...) É preciso dizer: a animalidade e o homem não se dão senão conjuntamente, no interior de um todo do Ser que teria já sido legível no primeiro animal se houvesse alguém para lê-lo. Ora, este Ser *visível e invisível*, o sensível, nosso *Ineinander* [emaranhar-se; entrelaçar-se] no sensível (com os animais) é a atestação permanente se bem que o ser visível não seja o todo do ser, porque há já seu outro lado invisível (MERLEAU-PONTY, 1995, pp. 338-339).

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud vol. VII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GOLDSTEIN, Kurt. **The Organism – a holistic approach to biology derived from pathological data in man**. New York: American Book Company, 1939.
- HARDOUIN, Robert. **Le mimétisme animal**. Paris: PUF, 1946.
- KOFFKA, Kurt. **Principles of Gestalt Psychology**. London: Routledge & Kegan Paul Limited, 1955.
- KÖHLER, Wolfgang. **Köhler. Gestalt Psychology – An introduction to new concepts in Modern Psychology**. New York: Mentor Books, 1947.
- _____. **The Mentality of Apes**. Translated by Ella Winter. New York: Vintage Books, 1959.
- LORENZ, Konrad. “Sur la formation du concept d’instinct». In: **Trois essais sur le comportement animal et humain – les leçons de l’évolution de la théorie du comportement**. Traduit de l’allemand par C et P. Fredet. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- MANZI, Ronaldo Filho. **O mistério do mundo diante dos nossos olhos – um estudo merleau-pontyano sobre a aparência dos animais**. *Inédito*.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **L’Institution, la Passivité – Notes de Cours au Collège de France (1954-1955)**. Paris: Belin, 2003.
- _____. **La Nature – Notes de Cours du Collège de France**. Paris: Seuil, 1995.
- _____. **Notes de cours – Collège de France 1957-1958 – Le concept de Nature: l’animalité, le corps humain, passage à la culture**. *Inédito*.

_____. **Notes de cours – Collège de France 1959-1960 – Nature et Logos: le corps humain.** *Inédito.*

_____. **Phénoménologie de la Perception.** Paris: Gallimard, 1967.

_____. **Résumés de Cours – Collège de France (1952-1960).** Paris: Gallimard, 1968.

_____. **La Structure du Comportement.** Paris: Quadrige/PUF, 2002.

_____. **Le Visible et l'Invisible.** Paris: Gallimard, 2004.

PORTMANN, Adolf. **Animal forms and patterns – a study of the appearance of animals.**

Translated by Hella Czech. New York: Schocken Books, 1967.

_____. **Animal Camouflage.** Translated by A. J. Pomerans. Michigan: Ann Arbor, University of Michigan Press, 1959.

UEXKÜLL, Jacob von. **Dos animais e dos homens.** Tradução de Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa: Livros do Brasil, 1982.